

Bernardo Carvalho e a poética do artifício

Cristiano Rodrigues Batista[□]

RESUMO

Defendemos o argumento de que os artifícios utilizados na construção de narrativas potencializam o seu caráter ficcional e possibilitam uma maior reflexão acerca de algumas questões artísticas. A literatura de ficção que tem na sua composição a consciência de sua construção, ou seja, que é consciente do processo artificial de edificação do literário, permite-se ir além e refletir sobre a própria realidade que a cerca, evidenciando o grau de artificialidade que há no real construído. A construção de narrativas por meio de elementos que simulam, jogam, fingem e enganam atuam na produção de discussões instigantes acerca da concepção de literatura e de representação, além de pensar, também, sobre o caráter artificial da arte e da maneira como a realidade – o ambiente composto por construções da cultura – é apreendida. Para refletir acerca do argumento proposto utilizaremos parte da obra do escritor carioca Bernardo Carvalho.

PALAVRAS-CHAVE: Bernardo Carvalho. Poética do artifício. Simulacros. Realidade. Antinatureza.

ABSTRACT

We support the argument that the elements used in the construction of narratives empower its fictional character and enable a greater reflection on some artistic issues. The literary fiction that has embedded the consciousness of its own construction, in other words, that is aware of the artificial process of creating the literary, allows itself to go further and reflect on the reality that surrounds it, showing the degree of artificiality existent in the created reality. The construction of narratives through elements that simulate, play, pretend and deceive act in producing thought-provoking discussions about the design of literature and representation, and also think about the artificial nature of art and the way reality – the environment formed by constructions of culture – is apprehended. In order to reflect on the proposed argument we will use part of the work of Bernardo Carvalho.

KEYWORDS: Bernardo Carvalho. Poetic artifice. Simulacra. Reality. Antinature.

[□] Doutorando em Teoria e História Literária pela Universidade Estadual de Campinas - UNICAMP, Visiting Scholar em Columbia University – New York, NY, EUA, cristianorodriguez@gmail.com.

Questões preliminares

Construir novas realidades; corromper as existentes; engendrar simulacros; enganar; criar um tempo fora da linearidade característica daquele nos cerca diariamente; encenar um papel deixando o leitor em dúvida; elaborar armadilhas que não deixem o visitante fugir impunemente; criar truques que estabelecem as regras de um jogo; exibir caminhos ardilosos que atraem ao mesmo tempo que deixam suas artimanhas suficientemente expostas; maquiarse para enfatizar as virtudes que não são evidentes; construir novas identidades que se sobrepõem às existentes; falsear o real. São essas algumas das possíveis definições para os artifícios literários que marcam certas narrativas de ficção.

É visível como vários dos termos citados possuem uma carga negativa de sentido. Para o senso comum, “enganar” não é considerado uma prática exemplar, as “armadilhas” não são consideradas uma construção desejada, além disso, o falso é sempre considerado inferior ao original. Amiúde, a maquiagem feminina é definida como a única fonte da beleza de quem a utiliza, bem como usar de artimanhas para conseguir algo pode ser considerado uma maneira desonesta de alcançar objetivos. Muito do que é marcadamente construído, é taxado, pejorativamente, de “artificial demais”.

Vivendo essa situação, a ficção literária ou a cinematográfica que se afastam do famigerado “baseado em fatos reais” são consideradas ruins, sem compromisso com a realidade, um exagero diante do real, impossível de ser visualizada no dia a dia das pessoas. A literatura que se alimenta da imaginação, que cria suas próprias realidades, não costuma ser vista, pelo senso comum, como uma construção de valor, cedendo esse posto àquelas obras que têm como fonte acontecimentos que se passam ou se passaram na realidade.

Em uma entrevista recente concedida a Villalobos para o *Blog da companhia*, um blog da editora Companhia das Letras, o escritor carioca Bernardo Carvalho (2013) disse:

Acho que a ficção está em baixa. É claro que ela continua existindo com a mesma frequência e com a mesma quantidade de antes, mas já não pode dizer o seu nome impune. As pessoas precisam acreditar, hoje elas querem ser crentes. Isso fica óbvio na internet, que é um

poço de imposturas. As pessoas querem ler ficção, mas sem esse rótulo, como se fosse não-ficção. (2013.)

Para ele, está claro que a literatura que se preocupa majoritariamente em retratar a realidade goza de maior prestígio, ao menos no que diz respeito ao grande público. A literatura assumidamente de ficção, que se forma a partir de construções imaginativas ou que não quer somente retratar a realidade, parece ser de valor inferior para parte do público. Muitas vezes, essa literatura de ficção é, assim, carregada com toda a significação negativa que o artifício pode assumir. Enquanto essa escala de valores se propaga, a ficção, que é reconhecidamente fruto da imaginação, por vezes, é rotulada como “mera ficção”, sendo colocada abaixo daquela escrita que possui a pretensão de retratar a realidade. É como se, com a ficção, não fosse possível provocar reflexões para além da obra literária, como se só produzisse considerações dentro do universo ficcional.

Parece haver uma diferenciação entre essas categorias –ficção e não-ficção – que aponta uma como produto de construção artificial, e a outra como comprometida com a realidade, por isso mais “natural”, no sentido de não se destacar dos elementos que compõem a realidade, com características de normalidade que a torna comum aos olhos dos leitores. A literatura que apresenta os mesmos elementos da realidade física do leitor pode ser percebida como natural, no sentido de não causar estranhamento. É como se ela integrasse tal realidade, como se houvesse nessa construção certa naturalidade¹ como a que há no real cotidiano.

Entretanto, o que podemos observar é que uma separação como essa, entre natural e artificial, não consegue produzir uma argumentação que a sustente. Toda construção é artificial, é fruto de uma técnica empregada em uma matéria para gerar um produto. E a arte, por mais que ela queira representar a realidade ou a natureza, também é artificial. Poderíamos dizer até que quanto mais aspecto de natural for creditado à arte, mais esta utilizou de técnicas artificiais de construção – se é que essa gradação de artificialidade existe.

Por uma ficção artificial

¹ A palavra “naturalidade” é usada no sentido de caracterizar aquilo que não é artificial ou mesmo algo que está em conformidade com certa ordem natural, conferindo certa aparência de normalidade ao cotidiano.

A obra do escritor brasileiro Bernardo Carvalho atingiu grande sucesso de público e de crítica, fato que por si só justifica o título de “um dos autores jovens de maior sucesso nos últimos anos” (SCHØLLHAMMER, 2009, p. 34). No entanto, o que chama mais atenção ainda é o fato de sua obra promover importantes discussões para a teoria literária, condensadas em seus romances, artigos para jornais ou em participações em conferências – como a proferida para a comunidade acadêmica da UFMG em 2007, *Experiência da Ficção*.

“Entre o paternalismo e o medo” é o nome de uma crônica em que Carvalho discute a afirmação de que Henri Michaux “viajava contra”, ou seja, “contra uma ideia de pátria, contra uma identidade confortável e ilusória, menos para se encontrar do que para se perder” (Carvalho, 2005, p. 50). Essa posição de viajante, percebida na obra de Michaux, *Um bárbaro na Ásia*, tem sua proximidade em relação à do próprio Bernardo. Nesse mesmo texto ele ainda diz:

Michaux lança mão das viagens para incorporar a diferença dos outros, para aprender a se estranhar. As viagens põem em movimento uma dinâmica entre o exterior e o interior, entre o real e o imaginário, que lhe permite estranhar-se como a um estrangeiro, como se fosse um “bárbaro”. É uma forma de pôr à prova o seu narcisismo de europeu civilizado. (CARVALHO, 2005, p. 50)

Todos os hábitos aos quais as pessoas se acostumam, valores recebidos de outrem, perspectivas viciadas porque ninguém as questiona mais, visões da sociedade que são tidas como “comuns”, ou as percepções “aceitas” são, para Carvalho, pontos que devem ser questionados. Às vezes, as perspectivas sedimentadas consideradas como “verdadeiras” passam a se “naturalizar”, no sentido de completa adaptação em determinada realidade, ou ainda, vê-se uma realidade comum que é percebida como sendo o natural para certa existência com percepções já sedimentadas. E isso, por si só, é um importante motivo para que volte a ser discutido, para que evitemos a ignorância de repetirmos costumes ou opiniões sem fundamento ou com fundamentos questionáveis, como sugerem seus textos ou alguns personagens de seus romances.

Na obra de Bernardo Carvalho, desde o seu primeiro livro, *Aberração* (1993), por mais que houvesse um aparente retrato da realidade, é a construção narrativa labiríntica, bem

como a apresentação de realidades reconstruídas ou a reflexão de pressuposições inquestionáveis que marcam o mecanismo ficcional construído no livro de contos. Os romances seguintes do autor nunca se distanciaram do mundo físico, na mesma medida em que nunca cederam a ele. São diversos romances que parecem querer falsear o real para reconstruir artisticamente uma outra realidade amparada nas virtudes da imaginação, marcadas por insistente argumentação acerca dos mais variados assuntos.

Podemos observar, ainda, em suas obras seguintes certo esforço para construir uma outra realidade, por vias artísticas, que, de alguma maneira, supere a *physis*. As obras exibem importantes reflexões, por exemplo, acerca da arte e da sociedade, alicerçadas em construções artificiosas. Suas obras erigiram todo o seu panorama ficcional por meio de artifícios, os quais assumem tamanha importância que poderíamos colocá-los no centro da poética do autor. Para Carvalho, poderíamos dizer, como ele também já o fez, que não pode haver arte sem artifícios.

Nove noites, é o quinto livro de Bernardo Carvalho (2002), seu quarto romance. É uma ficção que busca entender o motivo do suicídio de um antropólogo americano, Buell Quain, entre os índios Krahô em 1939.

Apesar dessa pequena síntese sugerir um romance histórico, seja porque esse antropólogo existiu de fato e veio ao Brasil para pesquisar os índios, onde cometeu mesmo o suicídio; seja por uma tentativa de solucionar um caso da história já esquecido, pois nunca se soube o que levou Quain a se suicidar; veremos que há um desenvolvimento bastante complexo que envolve questionamentos variados, inclusive sobre a construção literária. Toda a busca por histórias baseadas na realidade por parte de uma parcela de leitores encontra ressonância na obra. Entretanto, o que vemos não é simplesmente um retrato do real. O romance consegue se constituir como um espelho da realidade, gerando não uma imagem idêntica àquela proveniente do real, mas uma outra, invertida, que exhibe outra perspectiva da realidade, aquilo que ela poderia vir a ser. Mostra outro lado da realidade, a sua face que não chegou a se materializar. Ele enreda o leitor em uma realidade construída que surpreende por ser, por vezes, mais convincente do que o panorama que a originou.

O antropólogo americano Buell Quain tem seu suicídio investigado por um narrador-jornalista. O percurso feito pelo narrador é marcado pela paranoia que o acomete na busca por

informações sobre o americano, fazendo com que ele construa sentido para os poucos registros que ainda restam. Há um embaralhamento entre realidade e ficção no momento em que o narrador, pela necessidade de construção de sentido que acompanha o paranoico, constrói interpretações que chegam, de fato, a fazer sentido. Certas informações históricas, como cartas, bilhetes e fotos, são confrontadas com outros dados da vida do antropólogo, fazendo com que parte deles seja invalidada, instaurando a dúvida a cada novo fato. Por outro lado, toda a construção de sentido realizada pelo narrador, no presente, mostra-se como uma possibilidade plausível para analisarmos o suicídio do americano. A realidade e a ficção passam a se contaminar, abolindo a caracterização comum de verdade atrelada à realidade e mentira ligada à ficção.

A literatura de Bernardo Carvalho apresenta-se, assim, como uma outra face da realidade, a faceta desnaturalizada do real. O universo hipotético é sondado pela ficção de *Nove noites*. Reconstrói-se os fatos para que um novo sentido possa integrar-lhes. A interpretação dada ao evento, à época do suicídio, mostra-se tão construída quanto a realizada no presente do narrador. É pela ficção que uma nova reflexão se constrói, que uma nova interpretação se edifica. Pelas vias da literatura de ficção um novo pensamento se apresenta.

É preciso ressaltar que Carvalho não tenta promover o esquecimento das percepções já construídas ou a deseducação do olhar para que se possa acessar a realidade buscando sua suposta essência. Isso seria uma prática naturalista, pois, lembrando Clement Rosset (1989), não há o que purificar na visão do real, não existe uma suposta realidade verdadeira que se deixou de enxergar. Além disso, tal tentativa implicaria a pressuposição de uma ideia de natureza. Bernardo Carvalho, ao contrário, dissolve as fronteiras existentes entre o real, que adquiriu certo aspecto de natural, e o ficcional, que é marcadamente construído. Para ele, não existe a fronteira separando esses dois domínios. Toda a existência possui certo coeficiente artificial de não-necessidade e de construção². Assim, com a elaboração do ficcional, sua obra exhibe a potencialidade dos artificios e, por conseguinte, toda a força das construções.

Como já foi dito, toda construção pode ser caracterizada como artificial, porém a prosa carvalhiana vai mais além. Ela não é simplesmente artificial, por elaborar recursos narrativos, que por si só já a configurariam assim. É possível chamá-la de artificialista, lembrando as

² Cf. ROSSET, 1989.

categorias elaboradas por Rosset acerca da postura dos artistas diante da construção artística, pois se baseiam na consciência da utilização de artifícios que pretendem simular, enganar, falsear uma condição que não é a sua e por utilizar expedientes taxados de enganosos para desenvolver reflexões.

O romance seguinte de Bernardo Carvalho, *Mongólia* (2003), é fruto de um período em que o autor passa na Mongólia, por meio de uma bolsa de criação literária da Fundação Oriente, de Lisboa. A bolsa exigia que escrevesse um romance sobre aquele país.

A edição brasileira de *Mongólia*³ exibe, na sua capa, duas fotografias da Mongólia, em uma delas há alguns mongóis em torno de uma mesa de sinuca, vestindo trajes típicos. Na orelha da obra e na quarta capa também há fotografias do país, fazendo com que o livro pareça, de fato, um livro sobre viagens. Nem o subtítulo “romance”, apresentado já na capa, deixa-o escapar completamente de algumas marcações como “relatos de viagem” em muitas livrarias.

Porém, sabemos que, se o livro atua como um relato de viagem em alguns momentos ou se ele cumpre também o papel de apresentar um pouco daquele país, ele vai mais longe ao discutir, entre outros assuntos, o estágio em que se encontra a prosa literária contemporânea do Brasil e dos países do oriente pelos quais o narrador transita. Em alguns momentos, é sobre a arte contemporânea em geral que ele discorre e critica, às vezes, com um olhar etnocêntrico, tornando mais evidente as diferenças percebidas no contato com o outro. Esse olhar, apesar de se centrar em uma única perspectiva, revela, também, que existem outras possibilidades para serem assumidas, deixa perceber uma multiplicidade de perspectivas existentes que podem ser utilizadas ao observar a arte produzida por outra cultura. Até mesmo um leitor “enganado”, em busca de informações sobre a viagem à Mongólia, vai mais além ao prosseguir na leitura, pois acompanha discussões inteligentes sobre a violência no Brasil, sobre as esferas de poder aqui e em países que viveram o comunismo, além de um panorama cultural e da visão estrangeira de um cultura diversa que se apresentam no decorrer do romance.

Como vimos, *Nove noites* e *Mongólia* são dois romances que, por vezes, são tidos, respectivamente, como investigação jornalística e relato de viagem. No entanto, o leitor não acessa somente essas duas características que marcam uma análise superficial dos romances.

³ Há uma edição francesa que exibe a mesma capa e uma italiana que apresenta uma capa diferente, mas, também, com fotografias da Mongólia.

Sob o aspecto de investigação, simultaneamente, outras questões vão sendo apresentadas ao leitor em *Nove noites*. Por exemplo: é analisada a maneira como a narrativa histórica é construída, a partir do processo de revisitação do passado e assumindo uma perspectiva; a prosa ficcional contemporânea é discutida à medida em que ela assume, no romance, um tom jornalístico, sem rebuscamentos. No caso de *Mongólia*, enquanto o país vai sendo apresentado, como um relato de viagem prevê, o leitor é conduzido não só a um labirinto de histórias que é marca da narrativa, mas também ao deserto mongol. Além disso, em ambos os livros, é apresentado o choque que há entre pessoas de culturas diversas e como as perspectivas para acessar a realidade dependem do ambiente onde elas se inserem.

Tal embate cultural, aliado à reconstrução do real possibilitado pela literatura, evidencia que parte daquilo que se vê da realidade física também é uma construção interpretativa. A percepção de determinada realidade é construída por meio de interpretação marcada pelas lentes culturais. Esse aspecto é evidenciado à medida que a literatura de Carvalho elabora uma outra via para essa possibilidade construtiva que se realizou, à medida em que seu texto literário exhibe outra construção possível para o real.

A literatura como espaço de construção do conhecimento

Em “A linguagem dos patos”, crônica de *O mundo fora dos eixos* Bernardo Carvalho (2005) diz que o escritor encontra sua própria voz quando decide radicalizar a experiência em vez de negá-la. É o que ele parece realizar ao perceber a perseguição contra os artifícios nas artes. Ele torna radical o processo de construção artística por meio dos artifícios, simulando uma condição para a sua ficção, que chega a parecer não-ficção no instante em que ele constrói um romance a partir de um acontecimento histórico ou de um relato que apresenta impressões de uma viagem a um outro país. O caráter de verdade comumente atribuído a esses gêneros de escrita se estende à ficção que se constrói, resultando em uma arte que produz reflexões importantes acerca da realidade. Arte essa que não pode mais ser avaliada superficialmente atrelando não-ficção à verdade e ficção à mentira, pois essa diferenciação é abolida no instante em que se utiliza o espaço literário para desenvolver reflexões. Sua literatura parte de elementos da realidade para construir, por meio de simulações e de

embaralhamentos, uma realidade estética que pode ser considerada mais verossímil ou apresentar uma melhor argumentação quando comparada à realidade física.

Ao realizar esse processo de construção ficcional/artístico centrando sua poética nos artificios, ainda outro resultado pode ser observado. Toda a carga negativa de sentido creditada aos artificios é refutada, ao passo que é por meio deles que se está produzindo um conhecimento acerca da realidade e da arte. Observamos, assim, uma estética do artifício presente na obra de Bernardo Carvalho com objetivos que extrapolam o universo da ficção. Toda a carga negativa ligada ao sentido comumente atribuído ao artifício é revertida em sua obra no sentido de exaltar as possibilidades de criação. Os artificios deixam de ser vistos como construções “mentirosas” e falsas, segundo o ideal platônico⁴ e o senso comum que persiste, e passam a figurar como a possibilidade de melhorar as construções. O produto da imaginação pode ter sido gerado por meio de uma lógica construída que supere a lógica já existente, que adquiriu aspectos naturais. Na obra literária de Carvalho, há a consciência do factício marcando qualquer existência, e a constatação animadora da possibilidade de aprimorar os processos construtivos.

É através da arte e dos artificios que são utilizados na sua construção literária que Carvalho pretende ampliar parte da compreensão que se tem do mundo. É por meio dos artificios, reinventando a percepção que se tem sobre eles, que o autor consegue valorizar a literatura de ficção. Ele parece efetuar movimento semelhante ao que elogia na obra de Godard. O trecho a seguir foi retirado da crônica já mencionada, “A linguagem dos patos”:

Pela arte o mundo se alarga e se liberta. Pela afirmação das individualidades, das diferenças e dos desvios, os sinais se invertem e o que era considerado negativo ganha positividade. Foi assim, por exemplo, que Godard pôde reinventar uma arte industrial como o cinema, valorizando a descontinuidade narrativa onde ela era considerada um erro. (CARVALHO, 2005, p. 175)

⁴ O artifício pode ser pensado desde a cena fundacional exposta, principalmente, nos livros terceiro e décimo d’*A República* (2001), de Platão, no momento em que o filósofo defende a expulsão dos poetas da República, uma vez que estes produzem simulacros, isto é, artefatos capazes de desviar as pessoas da verdade, pois eles tentam se passar por verdadeiros. Deleuze (2007) aprofunda essa questão no texto intitulado “Platão e o simulacro” (DELEUZE, 2007).

Essa valorização da descontinuidade narrativa equivale aos resultados alcançados com a poética artificialista do escritor. Ele constrói seu texto literário revertendo a negatividade que costuma acompanhar os artifícios. Por meio dessa técnica construtiva é possível libertar o mundo de parte de sua ignorância, fazê-lo refletir acerca de assuntos que exigem isso. Os romances de Carvalho, ao mesmo tempo em que simulam outra condição, não se eximem de reafirmar constantemente sua condição ficcional (e construída a partir de artifícios). Parece haver o objetivo de reverter a percepção que se tem dos artifícios e de restabelecer a possibilidade de a ficção poder dizer seu nome sem que haja punição.

Referências

CARVALHO, Bernardo. *Aberração*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

CARVALHO, Bernardo. *Nove noites*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

CARVALHO, Bernardo. *Mongólia*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

CARVALHO, Bernardo. *O mundo fora dos eixos*. São Paulo: Publifolha, 2005.

CARVALHO, Bernardo. Entrevista com Bernardo Carvalho, concedida a Juan Pablo Villalobos. *Blog da Companhia*. Disponível:

<http://www.blogdacompanhia.com.br/2013/01/entrevista-com-bernardo-carvalho/>. Acesso em: 04 de Fevereiro de 2013.

DELEUZE, Gilles. “Platão e o Simulacro”. In: _____. *Lógica do sentido*. Trad. Luiz Roberto Salinas Fortes. São Paulo: Perspectiva, 2007, p. 259-271.

PLATÃO. *A República*. Tradução Maria Helena da Rocha Pereira. 9 ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2001.

ROSSET, Clément. *A antinatureza: elementos para uma filosofia trágica*. Trad. Getulio Puell. Rio de Janeiro: Espaço e Tempo, 1989.

SANCHEZ, Marco. “Bernardo Carvalho e a literatura como antídoto da banalidade”. *Deutsche Welle*. Disponível em: <http://www.dw.de/bernardo-carvalho-e-a-literatura-como-ant%C3%ADdoto-da-banalidade/a-15352025>. Acesso: 04 de Dezembro de 2012.

SCHØLLHAMMER, Karl Erik. *Ficção brasileira contemporânea*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009.